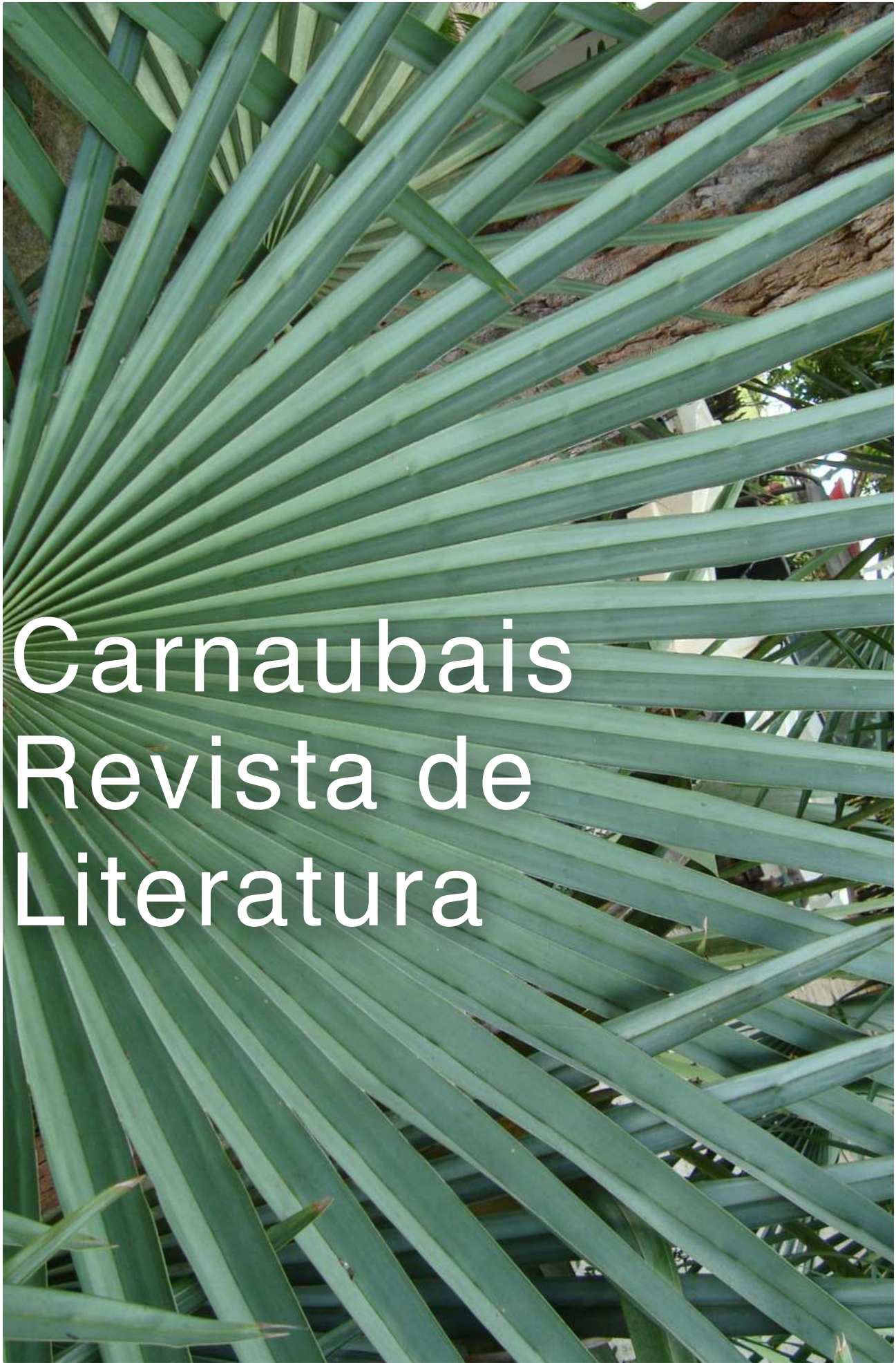


The cover features a close-up photograph of a palm frond, with its long, green, pointed leaves radiating from a central point. The leaves are layered, creating a sense of depth and texture. The background is a light, textured surface, possibly a wall or a piece of paper, which is visible around the edges of the photograph.

Carnaubais Revista de Literatura

EDITORIAL

Carnaubais

Peço emprestado aqui o nome de todas as pessoas que escrevem literatura no Rio Grande do Norte para declarar que hoje temos um local de publicação de nossa arte, nossa cultura, nossas vozes. Esta revista inicia pequena para o tamanho de nossa tanta gente, para o tamanho de nossas tantas palavras perdidas que ficaram a debandar na boca de nosso povo. A Carnaubais Revista de Literatura nasce como um princípio de incêndio na mata seca com o único intuito de devastar o esquecimento dos escritores potiguares. Levando as águas do Rio Apodi da terra à foz do Grande Mar Eterno de leitores mundo à fora, iniciamos este projeto de propagação de vozes e páginas como se fôssemos gotas d'água neste pequeno rio eterno.

Esta edição trará o que de atual temos em nossos escritores, contos assombrosamente maravilhosos, cheios de ironias, tragédias, melancolias efêmeras, lutas imbatíveis entre o bem e o mal; mulheres que carregam violência por trás das memórias e Batalhas nos próprios punhos sem medo de avançar; prédios altos que carregam a única vista percebida da cidade. Nossos versos carregando no peito o ósculo perdido entregue ao ser amado, com tão grande desejo de voltar. Camadas e camadas de família e miséria, que esperam na igreja a possibilidade de ser um pouquinho santo para poder comer um pouquinho de comida e ser um pouquinho amado. É o que há de escrito.

Para os apressados. Podemos dizer que esta edição é composta por 48 manuscritos e artes que se dividem em três seções principais: obras artísticas visuais, composta por duas ilustrações; escritas criativas, que se dividem em pequenas categorias de contos, poesias e monólogos de quarenta e um escritos compostos por autores dos mais diversos gêneros e, por fim; os trabalhos acadêmicos, tendo cinco textos científicos. Cada um deles mostrando parte de nossa brasilidade em desenhar, literar e investigar.

Antes de fecharmos este ponto, devo agradecer aos nossos colaboradores da revista que se prontificaram em avaliar e revisar os trabalhos bem como os e as artistas de outras paragens. Sem esta contribuição, o que era um sonho se tornaria facilmente pesadelo de páginas empilhadas esperando serem lidas.

Espero que o clima de festas não tome de conta de nossa história. Há um mundo ainda à frente. Começemos a explicar o porquê “Carnaubais”. Esta palmeira estirada com tantos braços-de-cabelo verdes. O editor a quem escreve este editorial passou e viveu a infância a correr e pedalar os sítios apodienses semiarenosos. A correr no mato e a pedalar as estradas. Seja de um modo ou outro, sempre havia um elemento que embalava o caminho, o único ser de um só nome que reinava o horizonte, costurando céu e terra tanto de perto quanto de longe. *Copernicia prunifera*, chamado pelos cientistas, Carnaúba pelo povo, Árvore da vida, por tantos outros.

Planta que rasga, espinhenta em cada detalhe, espantadora dos homens e dominadora dos matos. A carnaúba enfileira seus espinhos por todo o seu corpo, se toca, fura, se agarra, despedaça, se passo a mão, rasga-me a pele. Lembro de pegar um pedaço de seu corpo e fazer de brinquedo, ao arrancar os espinhos, no intuito de fazer do talo um cavalo de pau e galopar no caminho, como criança que brinca o brinquedo. Lembro de



Este conteúdo adota o modelo de Acesso Aberto e seu conteúdo está licenciado sob a licença [CC BY-SA 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/)

ARK:16081/CRL2958-UMGM

Imagem da capa:
Palha da Carnaúbeira,
Claudio Oliveira Lima, 2010

rasgar e sangrar a mão sem chorar para tornar o espinho dócil, para tornar a vida leve, para fazer o sofrer o brincar.

Ela, maior do que nós, nos vê lá de cima. Está em nosso redor e derredor, maior que a gente, em tamanho, maior que a cidade, em número, maior e maior. Quando os cristãos arrancam-lhes os galhos para comer, elas viram setas apontadas para o céu. Flechas apontadas para o nosso Deus. Quando deixamos sozinhas a crescer, criam barbas amarronzadas guardando um segredo da vida, em viver tanto, mas nunca pude escutá-las. E formam-se os carnaubais, por toda parte, para todas as bandas, para cima e para os lados, para dentro e para fora.

Espero um dia podermos escutá-las.

Lury Morais

15 de fevereiro de 2026

Data de fundação

Esta edição foi composta na tipografia:
Salma Alfasans Light e RomanSerif